

antologia

(tradução
e selecção
de
CLÁUDIO REVEL)

I

Solidariedade dos Escóis... fórmula bárbara, dir-se-á, tentativa nefasta de unificar o que, por natureza, é individual, dissimil, indomitamente pessoal. Não o creio, a não ser que atribuamos àquelas palavras um significado alheio ao meu pensamento. Entendo por solidariedade dos Escóis, essa comunidade de visão em seres profundamente diversos pela idade, raça e carácter, vivendo nas mais diferentes latitudes, desconhecendo-se a maioria das vezes, mas dando ao enigma do mundo solução idêntica, na sua essência, mau grado inumeráveis diferenças na expressão de tal desejo. O universo e o homem aparecem-lhe a uma nova luz, mais harmoniosa, mais brilhante, mais quente. Falam-nos de unidade entre as coisas, de amizade entre os homens. Falam-nos duma «religião» ainda por nascer, duma «natureza» ainda incompreendida, duma «vida» mais larga. A sua voz pouca ressonância achou no mundo, porque o mundo até hoje não vibrou no mesmo desejo. Esses poucos homens, no entanto, são os primeiros cidadãos, hoje ocultos e solitários, duma democracia, cuja orientação, política nenhum a decifrou ainda. Longe de lançarem à humanidade que os cerca com as suas vagas movediças um olhar de altivez ou de desprezo, esses novos homens só têm para ela palavras de amor ou de forte esperança, declarando-se-lhe presos por todas as suas fibras, por todos os seus anseios.

Mas, que enxergaram então esses «novos homens»?

Esses poucos homens, ligados aos destinos mais estranhamente dissemelhantes, levaram a cabo o mais singular descobrimento que imaginarse pode. Eles entreviram, precisemo-lo bem, um *mundo novo* e um *novo homem*, ou antes, consideraram o velho mundo e o velho homem com olhos novos.

Quero dizer que realmente descobriram neste mundo que nos cerca, neste mundo próximo ou remoto, uma natureza totalmente diferente daquela que conhecíamos; e no homem a quem falamos na

seis

SOLIDARIEDADE

P O R L E ' O N

rua, no homem que vive longe de nós sob outros céus, no homem que sóis vós, no homem que eu sou, um ser radicalmente novo por sua natureza e vida, um ser que parece energia qual nova haste do seio duma terra virgem.

Extraordinário e pungente descobrimento esse que pretende revelar na antiga natureza e na velha humanidade um rosto e um coração até então desconhecidos...

Para esclarecer o que parece um mistério, vou dar a palavra àqueles homens que cingiram o mundo vivo num abraço tal que ele saiu dos seus braços pletórico de entusiasmo e juventude. Deixemos que falem três deles, já distantes e muito afastados entre si. A sua simples voz fará luz neste caos.

Um deles é um Inglês, morto em 1822, na idade de trinta anos, vítima dum temporal no golfo de Nápoles: Shelley.

O outro, um Francês, historiador e filósofo, morto há perto de vinte e cinco anos: Michelet.

O terceiro é um Americano, estranho homem e poeta inda mais estranho, que se extinguia em Camden, nos Estados Unidos, há poucos anos (1), saudado por alguns como um apóstolo, estigmatizado como louco e imoral pela maioria dos seus compatriotas: Walt Whitman.

Este Inglês, este Francês, este Americano, disseram-nos muitas coisas, e nós somente fixaremos aqui as mais surpreendentes. Começemos por ouvir o primeiro, Shelley.

Tudo o que uma forma humana pode encerrar de ternura, de cordialidade e sabedoria se continha neste homem, nesta alma de fogo que penetrava, enlaçava, inflama a criaturas e as coisas à sua volta. O animal humano tão largamente desenvolvido torna-se o animal-deus. A sua curta vida não é senão uma perpétua conquista do amor e da liberdade. Acção e sonho combinam-se; combate pelo amor e sonha um amor mais ardente, com as mesmas palavras apaixonadas e candentes onde se intumece e remoinha um sópo vivo da natureza. Ele diz-nos: A natureza é um todo vivo, simultaneamente corpo e alma, orbe imenso de fusão e harmonia. Toda a lei humana se resolve no amor; é ao ritmo do amor que bate o coração do homem, o coração imenso de todos os homens, que se expande a vida total de todos nós. Estreita aliança no seio dos mundos de vida em que mergulhamos, aliança

íntima dos corações humanos, alegria e justiça, tal é a sua profissão de fé panteísta. Imaginai um ser que é a encarnação dum sonho enorme e contumaz, que vive em perpétua embriaguez desbordante; não um sonho inconsistente e muito distante da terra para nela se imiscuir, mas um sonho modelado na carne e alimentado com o mesmo sangue, um sonho intensamente ligado às coisas vitais, animado pelo sópo da vida total, «onde rugem as seivas e se elaboram as germinações esplêndidas» (2) e então entrevereis o poeta.

E' por ter despertado essa legião de esperanças adormecidas que Shelley com a antiguidade de quase um século, é ainda hoje, entre nós, o mais afim, o mais real e o melhor dos amigos. E' por se ter identificado com a vida inteira, a mais humilde, a mais vária, é por tê-la como que impregnado dum sabor inédito, sem deixar de prosseguir, para lá das formas actuais, no anseio mais desesperado duma mais rica realidade de nós próprios que este Inglês, maldito e desprezado no seu tempo, deve ser considerado um dos mais potentes renovadores do sentido da vida.

De Shelley a Michelet, do Inglês ao Francês, vai grande distância. Há enormes divergências que não permitem associá-los, mas não tão enormes no entanto, que não possamos, escutando o seu pensamento íntimo, reconhecer num e noutro este sinal característico dos génios heróicos: o amor da vida real e o desejo da sua livre expansão.

Que nos ensina o historiador-filósofo Michelet? Por toda a maneira, ao longo da sua existência, afirma e reafirma com a mais intensa energia que toda a grandeza humana, todo o prazer, toda a beleza, toda a alegria e todo o equilíbrio têm por base, por condição necessária e por alimento, *uma só vitalidade*. Eis aqui, penso eu, uma afirmação capital, vinda dum homem que deu a volta completa à história e à vida, a autorizada opinião dum naturalista e dum poeta: *uma só vitalidade*, tal é o seu código e a sua moral. Ele quer corpos vigorosos e ágeis, cérebros nutridos de ciência real, naturezas vigorosas e livres, transfiguradas, como ele mesmo diz, «nessa luz heróica a que o bom homem Lutero chamou nobremente a *Alegria*».

Para ele, o homem, durante

largos séculos, sofreu um entorse violento do cérebro, quando «viver» equivalia a «vegetar». «Que os nossos olhares se desviem do funesto passado! diz-nos ele. Escutemos antes aquela que é um eterno presente, que não varia, a Natureza». Dez séculos de anemia cerebral, impediram a planta humana de lançar ramos vigorosos para o espaço, constrangeram-na às magras florescências despidas de cores novas. Afastemos com a mão as sombras dum pretérito nefando. Michelet patenteia aos nossos olhos a forma viva e palpitante da humanidade que somos, fazendo jorrar da sua livre fecundidade a sua vida física e espiritual, alimentada ela própria das suas divinas energias que a fazem renascer, consciente por fim das suas eternas riquezas. Escutai essa voz profética:

«Ampliemos Deus!» Diderot, que proferia esta sublime sentença, conhecia-lhe a profundidade, os sentidos diversos, admiráveis e fecundos?

«Emancipemos a vida divina. Ela reside na energia humana; fermenta aí; tem pressa de expandir-se em obras vivas. Ela reside na natureza, ali ferve em cachão, quereria espalhar-se em torrentes.

«Não védes que a terra anseia produzir e enriquecer-nos, dar fontes e frutos, criar raças novas, mais resistentes e sãs, criar sem medida searas e povos?

«Sejamos inteligentes. Fechemos os livros por um momento. Reabramos o grande livro da vida. Trabalhemos! Dispamos o hábito! Libertemos este espírito fecundo que quer sair, abramos-lhe as barreiras. Para longe os entraves, os obstáculos. Ampliemos Deus!»

Estas poucas linhas bastariam para apreendermos o profundo significado da obra de Michelet e verificarmos que o objecto do seu ardente desvelo espiritual já não é um céu quimérico, mas uma terra que existe e que todos nós, desde o mais humilde ao mais forte, devemos lavar e semear, se não quisermos que a fome nos devore. A obra de Michelet, mau grado as suas lacunas e por vezes as suas fraquezas, obra de sol e de força, de calor e saúde assinala com vivo resplendor a aurora duma fresca vitalidade, o germen dum pensamento que adquire a consciência de si próprio.

Ousarei falar do americano Walt Whitman, o último dos

sol nascente

DOS ESCÓIS

B A Z A L G E T T E

nossos três «novos homens»? Não o farei sem temor, com-penetrado da minha própria impotência para relembrar o que foi este homem. Como pintar a figura e a alma dum ser que viveu e cantou todos os aspectos, todas as vidas do universo, que foi sucessivamente carpinteiro, clérigo, impressor, jardineiro, mestre escola, jornalista, enfermeiro, director de jornal, empreiteiro de construções, empregado do governo, e que descreveu nos seus versos, com uma riqueza incomparável de realismo, os milhões de espectáculos e de sentimentos dos quais participou?

Imaginal um homem de formas atléticas, de rosto magnífico, pleno de sedução e bondade, que passeia nas ruas, vestido como um operário, conversando familiarmente com todos, rindo, interrogando ou consolando, bemquisto de toda a gente pela doce magestade, cordialidade e humor alegre; que toma banho e em seguida, nu, passeia na erva húmida ao sol, declarando que «talvez aquele ou aquela a quem o êxtase livre e exaltante da nudez em plena natureza não foi revelado, jamais conheceu o sentimento da pureza, nem o que são na sua essência a fé, a arte ou a saúde»; que percorre o campo ou trata os feridos da guerra civil; que prega a exaltação de todas as forças novas do indivíduo, e vai onde a todo, homem ou mulher, de mãos estendidas e nos lábios um sorriso cordial; numa palavra, que realiza na sua completa acepção, inda não conjecturada, o homem da Democracia americana, ou antes da Democracia universal. Seria preciso um volume de fortes dimensões para fazer pressentir tudo o que este homem invulgar continha em si. Assim, dizendo que Walt Whitman foi o primeiro a reconhecer plenamente o carácter sagrado de toda a realidade, que contemplou com olhos radicalmente novos a mais ínfima parte de universo, que enriqueceu com um sentido divino as mais triviais acções das nossas vidas, que criou o sentimento de plena confiança e de liberdade para conosco e para com os outros, que ele enfim (e é para nós o novo capital) descobriu positivamente um *novo sentido da vida*, em terrei ameaças tracado o naldio esbôço duma cena gigante.

Não pretendo ter dado nestas poucas linhas uma nítida e fiel imagem desses três homens, que desempenharam papéis diferentes, mas capitais, na evolução do pensamento moderno; mas se conseguí mostrar o objecto comum das suas realizações e esforços, isto é o alcance cada um deles teve na vida, dos seus milhões de formas, da sua liberdade e mobilidade infinitas, eu terei com suficiênci-a atingido o meu alvo que é o de cravar a atenção neste ponto central.

Resumindo: que nos ensinaram pois os três «novos homens»?

Shelley, desvendando-nos a riqueza e a universalidade do amor, manifestou-nos em si aquela força de identificação do universo e do homem que é, por assim dizer, a única lei viva deste mundo.

Michelet, reclamando para todos, a vida sã, vigorosa, sincera e livre, fez desta profunda saúde e realidade a condição primacial e básica de toda a vitalidade comum ou superior.

Walt Whitman, finalmente, deu-nos o exemplo da mais integral expansão na carne e na vida universal.

Mas todos três nos mostraram o caminho da regeneração e da salvação num mesmo acôrdo no seio da única realidade divina, numa arreigada amizade sob a asa do todo. Todos três nos apontaram enérgicamente o caminho do *novo mundo* e da *nova vida*.

Eis como eles «compreenderam» a natureza, como eles pressagiaram a «divindade» do homem solidário dos seres e das coisas, como eles anunciaram uma «religião» cujo grandioso panteísmo invade e abraça o mundo infinito das criaturas que é um real sentimento vivaz do nosso parentesco com o universo, uma penetração e assimilação por nós, seres ínfimos ou seres de escol, do todo vivo: religião da qual pressentimos a expansão futura.

(1)—Isto foi escrito em 1808.

(2) Octave Mirbeau.

(Conclue no próximo número)

LEITOR:

Compra os teus livros
por nosso intermédio.
Isso nos auxiliará.

o parto da vida

As horas soaram irremediáveis,
e os ruídos dos sinos ecoam ainda,
repercutindo-se no espaço silencioso.

Tudo lembra o girar constante do tempo.

Os sinos soaram anunciando as horas,
e o dia amanhã será já outro,
na sucessão imperecível e renovadora
da vida correndo pelo espaço.

O ontem vai insensível a perder-se,
a esvaír-se para o nada donde veio.
Ontem, os corpos tinham a solidez da pedra,
erguiam-se no orgulho de jovens,
mas hoje procuram o ponto de partida,
gastos e tristes, velhos e infelizes.
Ontem, ainda seus corpos lutavam,
seus braços destruíam mundos,
e seus desejos procuravam outros corpos,
hoje, ficam inertes e fracos,
desfeitos os seus músculos de aço,
mortos para sempre todos os desejos.

Cantando, de busto erguido, outros vieram
na sucessão imperecível do tempo,
outros pegaram nos martelos e bateram,
outros pegaram nas enxadas e cavaram,
e os seus braços não param de bater, nem de cavar.
Insatisfeitos sorvem o prazer até ao fim.

Nos olhos tristes dos de ontem,
paira a saudade da vida que não souberam viver,
quedou-se a amargura da sua inutilidade.
E seus corpos procuram a terra...

Mas os que hoje se erguem viris
e oferecem generosamente a sua força,
arrastarão também sua velhice
na saudade de tudo o que está já distante.

Ámanhã, sempre, até ao minuto do fim,
o tempo rolará irremediavelmente,
na sucessão veloz de toda a vida humana.

ARMANDO VENTURA FARREIRA

sete